

ALGUMAS NOTAS PARA SONHAR⁶⁶

Paula Cobo-Guevara⁶⁷

Sonhar parece hoje uma impossibilidade. Esse signo da época e seus sentidos podem ser concebidos do ponto de vista do seu *destino branco*, com suas mais sérias e severas consequências subjetivas, políticas, vitais. De algum modo, contraefetuar esse *destino branco* possibilita uma faculdade comum de imaginar, quer dizer, instaurar graus de realidade para um tipo de existência menor – a do sonho. Ou seja, estar à altura ética do sonho para não padecer dele. Davi Kopenawa avisa, para nós, brancos, da *queda do céu*. Para tal, convida-nos a produzir a noite, fazer deserto. Convida-nos a romper com o pacto narcísico da branquitude como pacto do desejo, mas não apenas. É também a pensar como estamos sonhando, pois ele diz que nós, os brancos, só sonhamos com nós mesmos. Daí a urgência de desejar entre sonhos e produzir a noite.

Estas pequenas notas gostariam, por meio de vários planos e sequências, de fazer surgir algumas possíveis associações entre sonho e o sonhar, e os conceitos de *nome* e *rosto* que são desdobrados na obra de Félix Guattari e Gilles Deleuze, tratados a partir de uma imagem proveniente da literatura e outra da “memória feminista”. Isso nos levará a efetuar pequenos sobrevoos clínicos e micropolíticos abertos.

Assim, pensaremos o inconsciente sob o signo da literatura como sonho ou o sonho como texto, acompanhando Guattari em *Máquina Kafka*. Trata-se, de algum modo, do sonho de uma desconhecida num asilo psiquiátrico no fim do mundo, um sonho enclausurado, e outro de uma feminista socialista. Sonhos que nos trazem algumas notícias. Não por acaso ambos os sonhos são posteriores ao socialismo no Chile, ainda que extemporâneos entre si. O primeiro, da década de 1990, em plena assimilação e introjeção do regime neoliberal, sob o pacto socialista; o segundo, da década de 1980, a partir das lutas feministas contra a ditadura. Dois sonhos atravessados transversalmente pelo rosto e pelo nome, que percorrem um fazer a noite em seu sentido mais literal. Essa operação conceitual pressupõe uma entrada, sem pedir licença, a ambos os sonhos e o seu espaço do *Sonhar*, já que os sonhos nos pertencem, a todas nós, ou melhor, nós pertencemos aos sonhos.

⁶⁶ Tradução: Damian Kraus.

⁶⁷ Contato: paulacobog@gmail.com.

SONHAR SEM SONHAR

Você viu meu rosto em algum dos seus sonhos? Eis a pergunta que uma mulher internada num hospital psiquiátrico, na cidade de Putaendo (no Chile), faz para a escritora Diamela Eltit. Isso em 1993, em *Infarto del alma*, uma obra dela feita em parceria com a fotógrafa Paz Errazuriz. Trata-se de uma meditação, escuta e contemplação sobre o amor entre pessoas internadas, concretamente pares amorosos, e das paixões liberadas em sua “necessidade atávica de amar”. Trata-se do amor entre loucos.

SONHAR OS NOMES

Quero ser os nossos nomes é um sonho que aparece escrito nas notas da feminista chilena Julieta Kirkwood em 1982, onde ela esboçou alguns dos referenciais para pensar um projeto socialista-feminista do futuro (para o ano 1990), baseado no legado da experiência socialista da UP e partindo de uma aguda revisão crítica daquele projeto, do ponto de vista de um feminismo contra-conservador, contra-autoritário e rebelde⁶⁸.

O UMBIGO DO SONHO

Esses sonhos nos trazem também notícias do amor, da infância, do pensamento e suas inteligências. Ficamos então face a uma bela oportunidade para retomar uma velha pergunta-indagação psicanalítica a respeito do sonho, do desejo, rompendo com a velha ideia freudiana de que todo sonho é realização de desejo. Ou seja, confrontar esses dois sonhos não é apenas uma análise, mas também uma escuta atravessada por um questionamento político e ético situado entre políticas do rosto e políticas do nome, concretamente, o “nome próprio”, se quisermos, no domínio do feminismo, ou dos feminismos. Confrontá-los não é talvez senão

⁶⁸ Julieta Kirkwood foi uma socióloga chilena militante, simultaneamente, feminista e socialista durante e depois do governo da Unidade Popular (UP). Após o golpe de Estado, foi ativista contra a ditadura civil-militar no Chile (1973-1990). V. COBO-GUEVARA, Paula, *Soñando 1 sueño de Julieta Kirkwood: quiero ser nuestros nombres*, publicado em 7 de abril de 2023. Disponível em: <https://lobosuelto.com/sueno-de-julieta-kirkwood-quiero-ser-nuestros-nombres-paula-cobo-guevara/>

valorizar uma afetação recíproca que produz ou apela para novas crenças como sistemas de universos de valor.

ROSTO, NOME?

Interessa-nos fazer com que esses dois sonhos aparentemente díspares e extemporâneos entre si conversem. Como se eles se correspondessem, se chamassem, como num diálogo amoroso, um *sonho como texto*, ou o sonho como correspondência amorosa e, talvez, também como uma diplomacia cosmopolítica entre dois mundos aparentemente diferentes. Ou seja, de alguma maneira, habitar esses sonhos implica não manter eles no mesmo lugar. Instaurar algum tipo de modalidade de existência entre eles, ou uma função distinta, para além do *contraste*. Para *aparecerem*, para que se contemplem, para que se envolvam, entre si, mas não apenas, talvez se trate de um modo de aliança e fusão como processo que dá especial atenção para as paisagens como passagens que surgem nesses dois sonhos, e como modalidade para atravessar o fantasma do sonho fusional, que poderíamos associar ao fato de serem dois sonhos sonhados no registro de um retorno ao pulsional (ao rosto? Ao nome?). Numa paisagem mais ampla, e como plano de fundo, ambos os sonhos, como personagens conceituais, falam de políticas de subjetivação a partir da psicanálise, mas também de formas de um pensamento clínico vivo que podem servir para pensar politicamente. N’O *Anti-Edipo*, Gilles Deleuze e Félix Guattari opõem o rosto à história da filosofia, e em *Mil Platôs* nos transmitem o que é possível fazer, o que poderíamos fazer com o rosto, com os nomes. Portanto, *grosso modo*, e a partir deste prisma, a questão do nome é menos como funciona a sua subjetividade e mais como o nome faz funcionar a nossa subjetividade – inversão essencial para uma crítica do nome e do rosto. Uma subjetividade que se expressa em suas três dobras, mas sobretudo em relação a um fora entendido como possibilidade de devir-outro, no sonho, no pensamento, no político. Ou seja, fazer sonhar o rosto ou o nome implica, em certo modo, contrapor não apenas determinadas políticas de subjetivação diante do capitalismo, as suas línguas e seus mundos, como as posições subjetivas de um nome ou rosto em relação ao “social”, mas, e o mais importante, de micropolíticas de subjetivação a partir de uma modalidade não-neurótica, já que elas, as neuróticas, acentuam modalidades de subjetivação personológicas coloniais, patriarcais.

REPETIR O SONHO

Tomemos a perspectiva contracolonial, não-branca de pensar o sonho, para deixar entrar, com suavidade, aspectos cindidos do ponto de vista do homem branco, dado que, para ele, “o social” fica estabelecido em torno à divisão cultura/natureza. Daí a ideia de voltar a sonhar, repetir o sonho, retomar a linha do sonho de uma outra altitude – nível ou grau diferente do precedente. De não seguir sonhando o mesmo, que implica repetir o sonho e conseguir sonhar o outro dentro do outro e o outro em nós. Contudo, para elaborar um esboço de como chegar a pensar, ou como pensar a partir do pensamento indígena como pensamento contracolonial, parece válido repassar e passar por alguns pontos de vista e visões acerca de como é concebida, a partir do indígena, a vida e a “reprodução social” diante do antagonismo capital/vida. Como uma sequência de passagens, de uma paixão a outra, talvez. De um sonho para outro sonho. Para sonhar melhor. Para dormir melhor.

O ESPAÇO DO SONHAR

Em sua pesquisa com indígenas Walrapi, Barbara Glowczewski nos diz que eles compreendem a reprodução da vida como “um duplo processo de atualização e virtualização, um devir e um agir que ocorre a um tempo.”⁶⁹ Ou seja, os espaços do sonhar e do sonho estão intimamente ligados – um dentro sustenta um fora onde o espaço do Sonhar possibilita fazer o sonho sonhar, isto é, fazer a vida viver, não sem riscos. Daí a prudência do Sonhar entre sonhos. Desfazendo muitas das separações dualistas em torno a aspectos materiais como opostos a aspectos imateriais ou espirituais.

SONHAR O ROSTO, SONHAR O NOME

Todo *sonho louco*, toda paixão transita e se faz com um componente autoerótico mortífero ou vital de Eros em relação aos seus “destinos” como registros de inscrição. “É o espaço do corpo atravessado pela transgressão entre pulsão de vida e pulsão de morte, entre realidade e

⁶⁹ GLOWCZEWSKI, Barbara. *Devires totêmicos*: Cosmopolítica do sonho. São Paulo: n-1, 2015, p. 32.

prazer, entre lealdade e crueldade, que liberta o fantasma quando ele pode se transmutar em obra⁷⁰. Dois planos a uma mesma altura – fantasma e transgressão. Como se esses dois sonhos estivessem sobrepostos e, de alguma forma, recalcados um noutro. Recalcados entre si. Sonhar o rosto, sonhar o nome. E cada um fora de si e por sua vez dentro de si. Magnéticos, como um espectro fantasmal. Como algo do próprio real recalcado, que já é dado, mas não é percebido. O sonho também é essa percepção.

ROSTO, ATMOSFERA PULSANTE

Sabe-se que o estado e a exaltação amorosa são modos privilegiados para acessar certas molecularidades intensas, certos sentimentos e uma sensação psicótica que não é senão uma forma de relação pulsional. Os instintos, o odor, o olhar, o tato, a voz, as formas de se mexer. Acompanhando e parafraseando Anne Dufourmantelle, a partir dessa perspectiva pulsional, não nos apaixonamos pelo pai, mas pela mãe, isto é, pela psicose. Portanto, o rosto (da mãe) opera como essa primeira atmosfera pulsante inscrita como pegada fantasmagórica inicial que, na vida “adulta”, não deixa de retornar a essas primeiras texturas, primeiros tons, pequenas modalidades pulsantes das alturas e profundezas promovidas pelo rosto. Tratar-se-ia de um rosto pático, também composto por uma polivocidade pré-significante (igual que o *infans*) e, por sua vez, atravessado por um campo de órgãos afetivos. Ou seja, seu rosto não é mais do que uma zona de paisagem como passagem de impressões, atmosferas de mundo, cosmo e por sua vez um primeiro fantasma originário a ser transgredido, a ser efetuado; mas também contraefetuado, dado que seu rosto foi transgredido – por semióticas significantes? Ou seja, também uma altura que nos permite ler a transgressão pelo seu avesso.

VOCÊ VIU MEU ROSTO EM ALGUM DOS SEUS SONHOS?

É preciso situar essa pergunta e interpelação numa tonalidade adequada, para estabelecer um circuito de circulação dentro de uma paisagem que possibilite ampliar a abrangência conceptual do comentário que fizemos sobre *a possibilidade de loucura* vinculado ao *Sonhar o rosto*.

⁷⁰ DUFOURMANTELLE, Anne. *Inteligencia del sueño*. Buenos Aires: Nocturna Editora, 2020, p. 72.

Possibilidade e condição, já que esse sonho é adequado para Sonhar o nome. Talvez não são mais do que diferentes altitudes para sonhar um sonho “común”. Ou seja, essa tonalidade é uma forma de interpelar o sonho do outro, que permite fazer existir quem não pode sonhar.

SONHO FUNDANTE

Todo sonho fundante pede um atravessamento, como todo desejo de fusão comum pede uma separação absoluta, isto é, seu limite é até onde ele consegue chegar. Assim, podemos associar a figura do *corpo sem órgãos* como processo e procedimento na produção do desejo: estar no desejo do outro, mas do outro dentro do outro, e não do Grande Outro, que é o mecanismo por meio do qual a psicanálise explica a constituição do *infans* como sujeito – quando ele já não é mais objeto, mas sujeito (do outro), procedimento mediante o qual é explicada a entrada à linguagem e a perda de si e do outro como objeto.

SONHO COMO TENTATIVA

A imagem do desejo em relação ao corpo é o modo como nos identificamos em relação a instâncias, posições, nomes, rostos, modalidades referenciais. Bem conhecida é a relação do psicótico com o corpo, quer dizer, quando não há sujeito construído a partir de uma correlação unitária, racional, neurótica. Ou seja, o psicótico sempre fica numa tentativa de representar. “Sob o nome da imagem-corpo, imagem-fantasia, corpo vivido, imagem experimentada, a pergunta em relação ao corpo ocupa um lugar estratégico no tratamento da psicose, a privilegiar as palavras descritivas: a imagem do corpo não é apenas uma imagem, mas um possível modo de representação, uma precária formulação figural que não necessariamente está vinculada a *iconic matters* ou signos vitais.”⁷¹

SONHO APENAS PARA UMA ATMOSFERA

⁷¹ POLACK, Jean Claude e SIVADON, Danielle. *A íntima utopia*. Trabalho analítico e processos psicóticos. São Paulo: n-1, 2013, p. 29.

Os sonhos, tal como sugere Davi Kopenawa, são, por si, um destino de individuação, já que sonhar *o rosto* também é uma tentativa de representação do corpo, para si e para o outro, numa espécie de consistência pática do sonho que, de certa forma, é um modo de relação consigo e com os outros num plano comum que diz que o sonho noturno, bem como o espaço do Sonhar, em si e como o delírio e a alucinação, são um território estritamente extrapessoal. Esse sonho em particular, um sonho como pergunta, na medida em que pede um destinatário – *Você viu meu rosto em algum dos seus sonhos?* –, exprime ainda uma tentativa de desejo de vinculação objetual associada a ser objeto do outro dentro do outro (como formulação pré-linguística de ser o desejo do outro). Ou seja, objeto vinculado a uma fantasia e, por isso, “animista”, já que nos fala de uma forma de ultrapassar a dualidade objeto-sujeito e entrar numa paisagem do outro para o outro. Como a voz da sereia que canta só para uma atmosfera.

SONHO COMO LINHA

Todo sonho fundante, naquilo de estar separado, demanda, pede um processo esquizofrênico. Acompanhando Deleuze e Guattari n’O *Anti-Édipo*, a produção social, a economia política e a economia libidinal e seus registros de superfície passam diretamente pela produção do corpo sem órgãos. Ou seja, todo sonho é artificial e parte de um movimento aberrante, com sua marca psicótica ou “feitoço” para fazer superfície de registro, como pode ser seu espaço do Sonhar.

Esse procedimento não é mais que um mero duplo, que espelha a relação do capitalismo com a esquizofrenia sob uma prática fetichista e um procedimento de perversão. “(...) a identidade e a relação são construídas, através da prática fetichista, não apenas de modo simbólico mas também de modo ontológico aberto.”⁷² Ou seja, pensar esse processo como possibilidade de exercer “a loucura” (a desrazão), dentro do sonho e do Sonhar exercidos plenamente num “maquinismo enfeitado”. A uma altura que dá conta de um retorno e uma reorganização das forças pulsionais.

⁷² GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, p. 57.

UM ROSTO QUE CONVOCA

Guattari insiste em voltar a pensar a psicanálise a partir da psicanálise. Eis onde martela fortemente seu ritornelo marcando um tom, um apelo – voltar a pensar seriamente em relação ao campo pulsional. Ou *é seu rosto que chama*. Tom que exprime uma urgência para um retorno às teorias pulsionais conectadas ao maquinismo. Um retorno que leva muito mais a sério a noção do sujeito do inconsciente, bem como uma revisão histórica do recalçado da psicanálise.

UM LIVRO SOBRE AMOR

Retorno como uma releitura do corpo sem órgãos, como um tipo de pensamento que é apenas pensado a partir do “corpo”, uma espécie de retorno pulsional orgânico. Dormir. Sonhar. Uma leitura poderia ser: o mais primário, orgânico, o mais vivo e, portanto, o mais maquínico, mais inorgânico, mais instituído. Daí também volta a ideia d’*O Anti-Édipo* ser um livro sobre amor, sobre dormir.

ESQUIZOGRAFIA

Retorno que é, por su vez, uma leitura e altura não-binária da loucura ou do processo psicótico não mais pensado a partir da neurose. Nesse sentido, a loucura não é apenas uma forclusão do Nome-do-Pai, já que, como dizíamos, não pode ser descrita pela neurose. Não apenas uma diferença de abordagem, mas uma torção, um avesso decisivo para pensar materialmente a psicanálise a partir do esquizo, e ele vinculado ao circuito pulsional. Assim, a “loucura” ou modalidade esquizogâmica dá conta da limitação que apresenta o triângulo edipiano e os argumentos sobre a simbolização e o simbólico depositados sobre o Pai. Acompanhando Guattari via Elisabeth von Samsonow, o triângulo edipiano não dá conta da psique contemporânea. Eis como Guattari propõe passar do triângulo ao quadrado.

SONHO COMO LIMITE

Isso dá conta da impossibilidade da loucura a partir da própria psicanálise, explicada e expressada pelo recalque, pois é o recalque o mecanismo por meio do qual a psicanálise dá conta por sua vez da separação entre real e imaginário, entre sujeito e objeto. E é justamente nessa zona exata onde o sonho entra como “esquizoanálise”, pois esse mesmo recalque cai e faz linha, uma linha que já não mais divide, mas traça um *continuum* entre regionalidades do inconsciente, entre sujeito e objeto, entre o Sonhado e o Sonhar, entre recalcado e transgredido, entre fantasma e real. Entre razão e desrazão, entre linguagem e fora-da-linguagem. Como explica Hanna Limulja baseando-se no pensamento indígena ligado aos sonhos, sonhar o outro é desejar o desejo dos outros. Para nós, brancos, talvez isso fale de um avesso do sonho-fusão e desse primeiro tempo passional marcado pelo rosto, para entrar no domínio das intensidades de um rosto pático. Isto é, como possibilidade de ficar no desejo do outro, de um sonho fundante que não é mais do que um procedimento de separação marcado pela singularização que ocorre pela via do sonho e do sonhar, ou seja, o sonho como limite que indica até onde é possível chegar, quanto pode ser aberto para ficar verdadeiramente no desejo do outro como sonho comum. Talvez isso nos fale da forma-relação com o outro, outro noutro, outro em nós mesmos (essa relação esquizofrênica secreta que *sonhava* Guattari?⁷³).

Recebido em: 30/09/2024

Aceito em: 16/10/2024

⁷³ GUATTARI, Félix. *Confrontações: Conversas com Kuniichi Uno e Laymbert Garcia dos Santos*. São Paulo: n-1, 2016, p. 129.